

ACAJÁ

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

O progresso da intelligencia é infallivel, havendo liberdade de fallar, escrever e publicar o que pensamos.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Anno I

Sabbado 31 de Agosto de 1861.

N. 20

ACAJÁ.

ENSAIOS BIOGRAPHICOS.

IX

MANOEL BECKMAN

Ao Snr. Bruno Seabra.

Durante o longo periodo em que se achou o Brasil na esfera de Colonia portugueza, muitos forão os acontecimentos que, excessivamente importantes, occupão as devidas paginas da nossa historia; e esses factos de tão elevado alcance, transmittidos ás gerações actual e futura, exuberantemente demonstrão o valor, a lealdade e outros honrosos requisitos de que erão dotados os nossos antepassados.

Nos trez seculos em que jazemos feudalizados á metropole, as nossas actuaes provincias, então circumscripitas á um resumido numero de capitãtias, tiverão seos fastos memoraveis que enobrecendo-as, fornecerão á posteridade o padrão glorioso de havermos sido grandes em feitos, e pequenos em numero.

Pernambuco, avanta-se com a longa serie de successos bellicos devidos á invasão hollandezã. S. Paulo, saliente se torna com a lealdade, honradez e desinteresse de Amador Bueno da Ribeira, e com a gloria de nella ter sido solto o brado *Independencia ou morte*. Rio de Janeiro, distingue-se com as lutas effectuadas contra os Francezes e Tamoyos, e mais tarde com o estabelecimento da monarchia lusitana que nelle veio abrigar-se da invasão franceza. A Bahia, tem por emblemas recordativos, as circumstancias memoraveis de se ter nella estabelecido a primeira capitãtania e de igualmente ser a primeira que teve na America a monarchia de Bragança. Minas, destaca-se orgulhosa por haver sido em seo territorio instituida a conjuração de 1789, empreza

mallograda por traição e tambem pela imprevidencia de seos chefes. Rio Grande do Sul, mostra-nos o valor guerreiro de seos filhos nas innumeradas campanhas com os hespanhoes-americanos. Maranhão, por seo turno, forneceo á nossa historia uma de suas importantes paginas, devida á revolução de 1684.

Tornando assim salientes as provincias designadas, deixamos (para não nos tornarmos fastidiosos) de patentear os successos gloriosos de que se ufanaõ algumas das outras provincias, e, essa causa tambem contribuiu para resumirmos os acontecimentos que tiverão lugar nas que ficão especificadas, pois sendo o nosso fito chamar a attenção dos contemporaneos para o heroe da revolução maranhense de 1684, sobre elle devião ser as nossas vistas dirigidas, e assim mister se tornou circumscrever-mo-nos ao que fica relatado.

No meiado do seculo XVII, as possessões americanas sujeitas á Portugal possuião um numero de africanos bem limitado ás necessidades da lavoura, e este foi o motivo pelo qual sujeitãrão-se os lavradores a receberem os serviços dos indios, serviços que não podião ser equiparados aos d'aquelles, ao menos servião para não permanecerem as terras em estagnação. Este auxilio foi porém momentaneo, e em breve, á mingoa de braços, a produção tornou-se insufficiente para a alimentação dos respectivos habitantes.

A fome, tomava os seos mais horriveis aspectos, e aos pedidos consecutivos de providencias para ao menos attenuar o mal, respondia-se com futeis promessas que servião para com o decorrer dos dias, tornar-se mais desolador o estado da população.

Cansado de esperar pelas medidas reelamadas, o povo revoltou-se contra os causadores de seos soffrimentos, tendo assim effeito a revolução de 23 de Fevereiro de 1684.

O povo amotinado começou a usar de suas regalias; e, como os jesuitas havião contribuido para a exacerbção popular em virtude da parte

que tomarão relativamente aos índios, com a deposição do governo, prendeo os filhos de S. Ignacio de Loyola, que em custódia conservarão-se até que se deliberasse a respeito.

Com a revolução tornou-se recommendavel Manoel Beckman, oriundo de uma familia allemã, mas nascido em Portugal, donde viera para estabelecer-se no Maranhão. Manoel Beckman era então um laborioso e honrado lavrador. Esses predicados servirão-lhe para obter dos demais colonos consideração e respeito não vulgares.

Demais Beckman possuia um excellente coração, e apesar de se ter tornado mui honrosamente um dos maiores lavradores, jamais deixou de prestar a todos os habitantes, ora beneficios, ora conselhos, e sempre as mais puras demonstrações de estima.

Com todos esses requisitos, elle, que havia contribuido para obtenção do lenitivo aos males que soffria o povo do Maranhão, foi considerado o mais habilitado para dirigir o movimento e por aclamação eleito chefe do povo n'essa epoca de effervescencia. Convencido do fim nobre e humanitario que este tinha em mente, Manoel Beckman aceitou esse difficil encargo.

A obtenção dos dous resultados já expostos, não tinha sido obra precipitada. Antes de rebentar a revolta haviam se reunido no Convento dos Capuchos os homens mais influentes do lugar para tratarem do modo porque devião proceder. Nessas reuniões deliberou-se que na primeira occasião se tomassem as seguintes medidas:

- A deposição do governo.
- A expulsão dos jesuitas.
- A abolição do estanque.

Igualmente resolveo-se que, tomadas essas providencias, se enviasse á metropole um representante das queixas e vexames da população.

Preparados os animos, encarnados todos n'um só pensamento, foi aproveitado o ensejo que tiveram e a revolução surgiu e realizou os seus desejos sem que houvesse o menor acto violento ou sanguinario.

Manoel Beckman, dotado de um caracter ordeiro, fallava ás turbas e mal presentia o intento de um ou outro meio que podesse disvirtuar a justa empreza de que tinha sido oriunda a revolta; tanto bastava para que os espiritos mais soffregos se conservassem nos limites legaes.

Obtida a deposição do governador interino o capitão mór Ba thazar Fernandes que ficou detido no proprio palacio e sob a guarda de sua esposa, conseguidos os demais fins da revolta, a paz foi promptamente consolidada; Era porém preciso tomar algumas medidas preventivas para não ser alterada a ordem precisa em tal emergencia, e uma dellas referio-se á creação dos defensores da localidade.

Esta medida de extrema necessidade foi na sua execução a causa do desnorreamento dos proprios que a tinham sollicitado! Com o embarque dos jesuitas, abrandado foi o enthusiasmo dos habitantes, e, as dissidencias que se derão na guarda civica, reunidas aos desgostos que resultarão da nomeação do sargento mór Costa Bello, que era bastante detestado, contribuirão mui poderosamente para o triste resultado que teve uma empreza altamente humanitaria, e que no seo começo, tinha sido coroada de tão feliz exito.

Ora surgia o descontentamento no povo pelo serviço militar, ora appareião queixas contra a guarda civica, que allim foi dissolyda! Nada porém chegava á covardia dos que haviam facilmente obtido os resultados expendidos e que então, posillanimes, temião comprometter-se pela acção que tinham praticado!

Manoel Beckman não cessava de envidar os seus esforços para tranquillizar os espiritos tímidos. Tribuno do povo maranhense e um dos membros do governo provisório, dirigia, da janella da Camara, onde este effectuava as competentes reuniões, conselhos á população. Mostrava-lhe a vereda a seguir e pedia a continuação do auxillio que até ali ella prestara; infelizmente não pôde avivar o enthusiasmo que o povo possuira no começo, e proseguição da revolta; esperava com tudo que elle saberia manter-se na devida órbita quando as circumstancias mudassem de face.

Não cessava o governo provisório de empregar todas as vistas em prol do intento revolucionario. A prudencia requereu a remessa de um procurador dos revoltados para advogar os interesses destes na sede da monarchia. Thomaz Beckman foi o escolhido para semelhante myster.

Por não pouco tempo jazeo tudo no estado independente do poder lusitano; deve-se porém scientificar que jamais os revoltados pretendêrão que o Maranhão fosse desmembrado da metropole, constituindo-se estado federal. Tal nunca foi a intenção de Beckman ou do povo maranhense. A revolta tinha por emblema a angariação dos melhoramentos de que necessitavão os habitantes dessa importante parte da colonia americana, da justiça e equidade aos seus direitos, da expulsão dos perniciosos filhos de Santo. Ignacio de Loyola e da abolição do vexatorio estanque.

Esses factos são incontestaveis, e a mais exuberante prova do que avançamos se depara na representação que enderessarão á corte lusitana, expondo com fidelidade as causas que actuarão para o movimento de 23 de Fevereiro, e reclamando as providencias que sanassem os males que apontavão.

Inda por amor d'essa representação se reconheceo o enfraquecimento popular; e ella não

teria sido enviada, se Manoel Beckman não assumisse, como o fez, a responsabilidade dessa mensagem tornando-se por isso chefe de todo o movimento.

E como poderia elle proceder diversamente se a propria consciencia estava tranquilla pelos passos que elle havia dado?

Porque temer quando se não conspirava contra o throno, nem contra a união até ahí existente?

Os factos que se seguirão veem justificar quão iniquas erão as leis existentes e o desejo que preponderou até o seculo seguinte—a saciação de sangue.

O governador dos estados do Pará e Maranhão, que ali habitava, acordou no anno seguinte tentando comprar o heroe da revolta maranhense. Essa foi a missão confiada a Hilario de Souza; tornou-se porém improficua pelo caracter nobre e magnanimo de Manoel Beckman que solemnemente desprezou todas as promessas com que contavão subornal-o.

Malgrado essa tentativa, o governo lusitano enviou ao Maranhão o general Gomes Freire de Andrade, que munido de amplos poderes, conseguiu sem o menor obstaculo, desembarcar o exiguo contingente que trazia e apoderar-se da capitania.

Então mostrou-se o reverso da medalha, isto é, diviso-se a fragilidade a que os homens estão sujeitos e que muitas vezes leva-os a cometer actos menos dignos.

O povo maranhense acolheo com jubilo aquelles que tinham por bandeira — a oppressão, no passo que conspirava contra aquelles que por elle se sacrificavão e que tinham por divisa — a obediencia com a felicidade commum!

Manoel Beckman foi uma victima da volubidade humana. Quanto não soffreo elle quando distinguio o desembarque de Gomes Freire e a forma com que o acolherão?

Ainda era pouco para quem, como elle, se sacrificára pelo povo; esse successo foi fazel-o tragar bem amargas gottas de fel!

Outras muitas lhe estavam reservadas! Era-lhe preciso esgotar o contheudo do calix do soffrimento!

Manoel Beckman, o idolo que até pouco antes veneravão, o nome pronunciado por todos como o de um benemerito, o homem por quem darião a vida, foi em virtude de falsas informações, recommendado á prisão, e sua cabeça posta a preço!

E não foi só elle o destinado a solver a divida de todos os que se tinham envolvido na revolta, Jorge de Sampaio, designado como sub-chefe dos acontecimentos relatados, foi igualmente procurado para serem satisfeitas as leis de sangue que imperavão!

Estabelecido o governo de Gomes Freire, pro-

vierão as provanças, as perseguições e o desespero. O proprio povo desejava entregar aos algos os deffensores de suas prerogativas!

Manoel Beckman, reconhecendo os males que se amontoavão sobre sua cabeça, deparando o transviamento popular, e crente de ter por inimigos os proprios a quem beneficiára, tomou a resolução de retirar-se para os sertões do Mearim, onde livre esperava que a munificencia real estendesse o seo manto aos implicados na revolução maranhense.

Como hoje, era então necessario solicitar-se essa graça, para ser ella concedida! E' essa uma doutrina que não podemos admitir!

Sampaio, Deiró, e outros caracteres puros, imittarão o proceder de Beckman. Como este, esperavão que os animos esfriassem e que a razão e a calma substituisssem o rancor e a paixão.

Algum tempo conservou-se no seo retiro o heroe da scena maranhense de 1684, e, n'elle continuaria a persistir exempto dos innumerous vagalhões do mar encapellado, se um verdadeiro Judas, conculcando os mais nobres preceitos, espesinhando as mais sublimes considerações e tendo sómente em mira uma ignobil recompensa, não se encarregasse de o entregar aos seus verdugos!

Lazaro de Mello levou a effeito o seo infame intento! Aquelle a quem tudo devia, porque os seus beneficios sempre recebera, a victima incauta da excessiva confiança que em Lazaro depositára, foi á sua vista e por sua ordem preso no logar em que se abrigára, e, ainda mais, acorrentado e como um grande facinora mandado para a cidade de S. Luiz, para o proprio logar em que, pouco tempo antes, elle era febril e entusiasticamente victoriado!

E durante o longo trajecto de 60 leguas, nem pela mente de Beckman passou a ideia de libertar-se de seus guias, ideia que com a maior facilidade podia executar; somente sollicitou que lhe tirassem as algemas, prometendo por sua honra não evadir-se: essa graça pôde obter.

Aos 2 de Novembro de 1685, na Praia do Armazem, hoje da Trindade, diviso-se o cadafalso erguido a espera de dous martyres da liberdade e do povo. Manoel Beckman e Jorge de Sampaio! forão nesse dia justicados, e assim cumpridas as *sabias* medidas e as *justicissimas* disposições do seculo XVII!

No momento extremo faltou o animo á Sampaio, que tremulo subio ao patibulo. O contrario succedeo á Beckman que, com a maior tranquillidade, subio os degraus d'essa *civilisadora e humanitaria* invenção, declarando antes de entregar a cabeça ao algoz, não só perdoar as injurias recebidas, como igualmente, que dava contente a vida pela futura felicidade do povo maranhense!

Quanto á Lazaro de Mello, tendo obtido a recompensa promettida ao seo execrando proceder, vemol-o torturado pelo desdem soberano da população e mais tarde expirar esmagado pela prensa de uma engenhoça!

Tal foi o premio que a justiça divina lhe aprouve conceder!

Deiró livrou-se de seos algozes pela lealdade de um seo escravo que, a despeito da liberdade que lhe foi offerecida pelos agentes do governo, não revelou o lugar em que elle se achava homisiado. Preferio a e-cravidão á liberdade por semelhante forma adquirida!

Esta acção tão magnanima digna é de ser transmittida á posteridade!

Terminou por tão contristadora forma a liberal empreza de 23 de Fevereiro de 1684. Manoel Beckman, illustre e benemerito até então, heróe durante todo o movimento e ainda até ser arrojado do patíbulo, não pôde deixar de ter á sua memoria o respeito e a veneração de todos quantos aprecião as acções grandes e sabem dar-lhes o devido premio.

Agosto, 18 de 1861.

F. T. LEITÃO.

~~~~~  
**Laura.**

§

Eu tenho um anjinho que me vem visitar todos os dias de manhã, quando estou no meo jardim, mergulhado nas minhas contemplações.

Esse anjinho é Laura, que me apparece sempre radiante de belleza; com uma casinha no braço, donde tira uma corôa de odoríferas flores que colloca na minha cabeça, abraça-me, beija-me e fita-me seos olhos bellos de irresistivel attracção!

E como ella então me sorri!

Como és bella minha Laura  
Quando colhes uma flor!  
Com que graça m'a offertas  
Em signal de nosso amor!

§

Como és bella minha Laura!  
E's um anjinho do céu, que me vem inspirar quando te chegas a mim!

Sou muito feliz minha Laura!  
E se sou feliz, é porque tu me amas com amor puro e desinteressado.

Laura, ha dias, depois de estarmos no jardim, fiz uma poesia dedicada a ti.

Ella é pura como é puro o nosso amor, porque foi elle quem m'a inspirou.

Oh! se tu a leres... verás n'ella a maior prova do meo amor por ti.

Ella principia assim:

Minha Laura, se soubesses  
Quanto amor vai no meo peito...

Mas não te digo o resto; quero que tu mesma a leias.

§

E Laura ao depois de beijar-me e coroar-me de flores, faz-me ouvir a sua meliflua voz, semelhante a dos anjos do senhor.

Como me embriago ao ouvir a sua voz!

Com que accento, e maviosidade ella me diz: — eu te amo!

E assim passamos minutos e horas, eu só para ella, e ella só para mim; até que ella me diz, pesarosa por me deixar: até amanhã!

.....

A. J. L. LOBO.

~~~~~  
POESIAS.

—
FRAGMENTOS.

de um canto sem titulo.

A. F. TEIXEIRA LEITÃO.

Se eu tenho de deixar o mundo torpe,
E a vida de dor e esquecimento,

Que o peito nos esfria;

Se eu tenho de soffrer mais desalentos,
E minh'alma manchar nos saturnaes

Ao fogo das paixões;

Se eu tenho de passar as minhas noites
Nas tavernas immundas maldizendo

Das coisas mais sagradas!

E descreer do Senhor — do mundo inteiro
Duvidando das crenças mais sublimes

Que no berço me derão;

E correr pela vida enlouquecido
Como o nauta no seio das procellas,

Dos ventos á vontade;

Apupado das turbas — qual mendigo —
Que fugindo procura e'oardileza,

Roubar aos passeiantes:

Meo Deus! ó meo Senhor, — dá-me que eu morr

Sem que escute o final dessas orgias,
 Que em meo cráneo populão !
 Dá que eu morra mancebo — ainda moço —
 Sem que veja das minhas primaveras,
 As flores tão vícosas,
 Ao sopro das folganças incendidas,
 Ao halito empastado das tavernas
 Tristonhas se murcharem !
 Sem que eu veja o meo cráneo espedaçado
 Nas calçadas das ruas esquecido,
 Desprezado das turbas !
 Dá que eu morra sem ver nos braços d'ouro
 A mulher linda que eu amei na vida,
 Que tanto me despreza !
 Sem que eu sinta calor — nos seios d'alma —
 Meo pobre coração — frio de gelo —,
 Palpitando por ella !

.....

Gelado coração ! quantos martyrios,
 Embotarão-te as fibras flamejantes
 De amores suspirosos !
 Que de prantos e d'eres neste mundo
 Tens soffrido sosinho entre suspiros,
 Que de amor segredaste a sós contigo,
 Nessas horas de amor e de ternuras
 Baixinho em soledade !

.....

Meo triste coração. — frio de gelo ! —
 — Caverna da minh'alma, porque soffres
 Tantas magoas e dores ?
 Que de galas trajaste enamorado,
 Outr'ora, quando a vida era formosa!
 Quantos visos trazias ufano
 Quantas crenças pulsavas em delirio
 Pensando só te amarem !

.....

Ai ! tudo era illusão ! tudo mentira!
 Lindos sonhos de amor forão desfeitos
 Neste mundo de espinhos !
 E as lagrimas e prantos já seccarão
 Como em pet'la de pallida açucena,
 As gotas orvalhosas !

.....

Meo triste coração — frio de gelo —
 Já dorme lá na campá solitaria !

.....

O mundo é uma illusão — , a gloria um sonho !
 Amor ! uma mentira disfarçada
 Nas sombras da taverna, das orgias
 Nos cantos dos convivas !

Amor ! é um cantar louco e perdido
 Que as pallidas Phrinéas balbucião
 Em longas saturnaés
 Empunhando o champagne !
 As lagrimas, são mantos pervertidos
 Que seos rostos encobrem, dessas bellas
 Que nas salas cobertas de brilhantes
 Tristezas vão fingindo !
 São mentiras geladas, dessas almas
 Que negrejão prazer, — que ás tontas errão
 Em juras sem sentido !
 Amizade, — não ha ! não ha na terra !
 Vil morada de monstros e tyrannos
 Antro horrendo de fêras peçonhentas,
 Em raivas incendidas !
 Amizade, — não ha, onde ha tyrannos
 Que se orgulhão no lodo que chafurdão,
 Manchando incautas presas,
 Que em seos braços se entregão !
 Virtude ! anjo do céu ! — filha divina !
 Imagem pudibunda dos archanjos !
 Tu aqui, entre os homens pervertidos,
 Nem por sombras pairaste !
 A terra é a morada dos algozes,
 E tu candida rosa dos empyrios
 Tu és filha de Deus !

.....

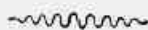
E eu soffro senhor, tantos martyrios
 Neste mundo de dor e esquecimento !
 A vida já me pesa sobre os hombros
 Como grossa cadeia !

.....

E eu descri deste mundo, desta vida,
 Destas pompas e galas mentirosas;
 Mas ó nunca de ti senhor dos anjos
 Que és o pai dos afflictos !

Maio 1860.

A. A.



BRANCA ROSA.

Branca rosa, flôr mimosa
 Quem do hasil te derribou ?
 Dize, rosa, desditosa,
 Quem tua seiva libou ?
 Foi a sorte caprichosa
 Quem na terra te lançou ?

No lindo vergel d'amores
 Ainda ha pouco reinavas;
 A'ledas as outras flores

Com teu frescor deslumbravas;
Hoje, do sol nos rigores,
A'vista d'ellas finavas !

Os teos encantos de outr'ora
Para Sempre te deixarão;
Sem brilho, jazes agora
Que todos t'abandonarão;
Sem viço tu estás n'est'hora,
Sem um ai ! — dos que te amarão !

A borboleta inconstante
Por ti passou e... sorrio;
Inda ha pouco um viajante
Te avistando, não te vio...
Da colméa a tua amante
Bem perto de ti fugio !

Eu da rosa tive pena...
Guardei-a no peito meo;
Pedi-m'a gentil morena...
Cedi ao pedido seo !

Junho de 1861.

O. A. O.

CLAUDINA.

Original Brasileiro.

(Continuação).

Mal acabavão de dar alguns passos, chegou-se um vulto embuçado para Pedro, e tomando-lhe o braço disse:

— Da-me uma palavra, senhor !

— Não o posso fazer, porque não hei de deixar uma senhora assim sem protecção.

Uma rizada atalhou a phrase de Pedro.

— Senhor, eu sei quem é essa mulher ; póde ficar por alguns momentos só, pois não periga.

— Senhor !! exclamou Pedro sentindo ferver-lhe a colera.

— Da-me uma palavra, que me ficará sempre grato: trata-se de um objecto de importancia.

— Não.

— Vai, o arrependimento te chegará já tarde; o abysmo está aberto, teos passos para elle se dirigem. Quero dar-te a mão, porém recusas; só de ti te queixarás. Adeos.

E o desconhecido ia-se retirar quando Pedro o chamou.

— O que pretende de mim, quem é ?

— Deixe essa mulher, e ouça-me.

Pedro dirigindo-se então a Claudina disse-lhe:

— Espera um pouco, meo amor, tem paciencia, eu já volto; nada temas.

O desconhecido, travou do braço de Pedro, e fazendo-lhe signal que o seguisse, voltou uma esquina e desapareceo.

IV.

O sol vai-se recolhendo no meio de nuvens violaceas, por detraz de uma montanha azulada ; a natureza começa a repousar, e no meio de um pradozinho relvoso cabriolão dous lanigeros cordeiros na beira de uma pequena lagoa onde um lindo ganko lava a sua nevada plumagem. No cimo de um outeiro, junto ao prado, se eleva uma pequena casa, pintada de branco, com portas e janellas verdes, onde, ajudada por algumas varas, se entrelaça uma videira. Um fumo esbranquiçado se eleva da chaminé dessa casinha onde parece reinar a ventura a par do descanso. Debaixo da folhuda ramagem de uma caneleira, sobre um banco pintado de verde, ao lado de uma mezinha de ferro, estão assentados dous jovens. Um é claro, alto e bem parecido ; o outro tambem alto, magro e mui pallido, apresenta na fronte algumas rugas prematuras, pois sua phisionomia mostra ter só vinte e cinco folhas no laurel da idade.

Juntos conversão e tomão café

São cinco horas, e quatorze dias já são passados depois dos acontecimentos que vimos. Estamos retirados da côrte quatro legoas.

O moço pallido é Pedro, e o outro um seo amigo de infancia, que estava na Europa.

Recordemos um pouco o passado e antes de continuarmos, vejamos o que acontceeo a Claudina, que deixamos esperando Pedro, ás onze horas da noite em uma rua deserta, e o que se passou entre este e o desconhecido.

Claudina depois de esperar por espaço de meia hora seo amante, foi á sua procura e não o encontrou.

Appossando-se o medo della, sem querer por varias vezes por elle chamou.

Não o ouvindo responder, então deo curso ás lagrimas ardentes que lhe assomarão aos olhos.

Com seo pranto, misturava palavras que exprimião a dor vehemente e a duvida que em sua alma se debatia.

Louca, sem saber o que fazia, derigi-se para o largo de.... Era noite de espectáculo, e alguns carros estavam parados.

Claudina entra em um, e manda seguir para sua casa.

Voltemos a Pedro. Este levado pelo desconhecido, nada dizia, porem interessando-se pelas suas palavras seguiu-o até encontrar com um carro que estava a espera deste.

— Entre senhor ; disse o embuçado.

— Não me é possivel ; e Claudina que ficou só ?

- Não importa ; entre.
- Não entro.
- Não me obrigue a usar da força.
- E se eu gritar ?
- Um ferro abafará seus gritos.
- Então o senhor é ?....
- Um amigo que o quer salvar.
- Entremos.

Um segundo depois, o cocheiro recebeu as ordens do desconhecido, fustigou os cavallos e o carro partio velozmente,

(Continúa.)



CONSEQUENCIAS DA VOLUBILIDADE.

Original Brasileiro.

(Continuação.)

V.

Acabamos no capítulo antecedente de mostrar quanta audacia possuía Alberto, e a maneira por que elle se portou para com Corina, duas horas após a sua chegada em Friburgo.

Para muitos, esse arrojo, só filho de almas atrevidas, é uma verdadeira galanteria, uma virtude até; mas para as pessoas de bom senso, esse modo de proceder é uma infamia, e proprio só de homens sem educação e sem moral.

Paulo, pelo contrario, se bem que amasse Corina apaixonadamente, não se atrevia a declarar-lhe positivamente o seu amor, não só porque temia uma repulsa, como também porque desejava que Corina o viesse a amar como elle a amava.

Louca esperança !

Jamais o coração versatil fixou o seu amor em um só peito; e qual o volátil colibri que adeja de flor em flor e em todas deposita um osculo, assim a mulher voluvel ama a todos quantos vê, e a todos jura amar a elle só. Assim era Corina.

Ao mesmo tempo que se sorria para Paulo, virava-se para Alberto e se sorria da mesma maneira, com a mesma expressão, com o mesmo fingimento !

Mulheres!! Bem razão teve Castilho para dizer:

Todos nós somos victimas incautas,
Todas ellas... verdugos. As melhores
Com flores o punhal disfarção rindo.

VI.

No dia seguinte ao em que Corina perdera o lenço, e que Paulo (pois não podia ser outro) o achára, e negára tel-o achado, passou-se no salão do hotel o primeiro acto de um drama que deveria manchar a honra de uma nobre familia, qual a do Dr. Lobo, se por acaso elle não fosse representado por duas pessoas convencionadas para isso, e presenciado por um unico espectador, se bem que não fosse convidado para esse fim.

Paulo quando chegou ao hotel de volta do passeio que dêra, encerrou-se no seu quarto, e tirou do bolso o lenço que Corina perdêra, mas quão grande não foi a sua admiração quando deparou com um nó dado n'uma das pontas d'elle!

Ancioso por saber o que significava aquillo, passou alguns momentos em completo desasosiego e receio, vacillando se desataria ou não o nó.

Mas por fim, instigado pela curiosidade que o dominava, desatou-o, e maior foi a sensação que experimentou, por ver que lhe cahia aos pés um bilhete sahido do nó que desfizera !

Levantou pressuroso o bilhete, e abrindo-o, leu o seguinte:

« Corina.

« Tenho tudo disposto para podermos partir amanhã á meia noite; espero que o mesmo te aconteça. Quanto ás considerações que me apresentas sobre teos pais, tenho a dizer-te que só uma criança como tu poderia fazer semelhante raciocinio.

« O que valem pais quando o amor subjuga, e quando vamos raiar uma nova aurora no horizonte de nossa vida ?

« Criança que és !

« Quanto ao meo amigo, não te dê isso cuidado; porque elle está n'um logar mais que interessante para sua imaginação de poeta.

« Que fique com as musas todas, enquanto que eu só levo uma — tu.

« Alberto. »

Depois que Paulo leu o bilhete de Alberto, o seu primeiro pensamento foi salvar o anjo que hia cahir nas garras do demonio.

E depois de ter considerado o meio menos es-

candaloso e mais certo de obter bom resultado, então deixou correr livremente dos seus cílios os prantos de uma dor acerba, acompanhados das vozes de seu peito, opprimido pelo desdem de uma mulher volúvel.

« Como poderia Alberto em tão poucos dias seduzir uma menina, que parece tão pura como a gotta do orvalho matutino?

« E como se terá ella deixado induzir pelas palavras de um monstro, de um homem em quem todas as frases recendem lubricidade e malvadez?

• E ella, que ainda hontem me sorria com tanta meiguice e me tem feito sonhar com céas de amor e com archanjos! Ella não me ama; despreza-me, e a seus pais também, e segue um monstro, que amanhã lhe arrancará a sua corôa de virgem e a calcará aos pés!

«Oh! e eu hei de consentir que isto se realize? Nunca! nunca!

Mal acabava elle de proferir as ultimas palavras; baterão-lhe á porta.

Paulo abriu-a e Alberto entrou.

— O que fazias aqui tão solitário, meo poeta? oh! não me lembrava que os poetas gostão da solidão. Mas... fazias alguma poesia... ou... que tens que não faltas?

— Não fallo por que estou pouco disposto a aturar-te.

— Pois então, visto não me queres dar a honra de me aturar, vou deitar-me em tua cama, pois de lá conversarei melhor. E estirou-se na cama de Paulo.

— Ora, Paulo, estamos aqui neste hotel ha tantos dias, moramos com uma menina tão bella, e ajuda nada conversamos a seu respeito; portanto é chegado esse momento. Como a achas tu?

— Então sempre estás disposto a massar-me, não?

— Que pergunta! Mas vamos ao que serve: como achas a tal menina?

— Interessante....

— E que mais?

— Nada....

— Nada! pois não terá ella attractivos de sobejo para que tu a cantes n'este momento, n'um poema em vinte cantos? Nem tão de gelo é o teu coração. E quem sabe se não é o amor que te obriga a tanta concisão?

— Que! pois poderá ella amar-me quando tu me fazes frente como um Zuavo? E poderei eu amal-a quando a vejo tão inconstante como o vento, tendo nos labios um sorriso estudado, para todos?

— Pois tu acreditas que uma mulher, ou mesmo um homem possa amar a uma só pessoa?

Não sabes que a variedade é um grande alimento para os desejos e gozos humanos?

Estás muito atrozado, Paulo, pareces-me até um representante do seculo X.

— Pelo que vejo vens questionar comigo sobre o amor?

— Não é essa a minha tenção, mas se o queres não deixo o campo.

— Pois bem, concordo no debate, e principiarei. Pelo que acabaste de dizer, não admittes que possamos amar a uma só pessoa, e portanto que não ha paixão, que não existe o amor platonico?

— Está bem visto, e ainda duvidas?

— Duvido, sim, porque amo apaixonadamente uma mulher, e apresento o meo amor como prova não só da existencia da paixão como da do platonismo.

— E' interessante tudo quanto acabas de me dizer, mas o que é verdade é que não acredito em nada disso, porque se ha por paixão; já me tenho apaixonado muitas vezes por dez moças ao mesmo tempo, e essa paixão só me dura até o momento em que ellas me provão que não são concordes com o meo amor, e então *desapaixono-me* de duas ou tres e torno-me a apaixonar por outras tantas, e assim vou levando esta boa vida que vês, e com a qual dou-me magnificamente.

— Libertino! e com que cynismo assim fallas!

Calate, Alberto, não procures questionar mais comigo, porque não sei manejar as armas em que tão adestrado estás.

— Está bem, calo-me sobre a questão do amor, mas principiarei, ou por outra, continuarei no assumpto que encetei quando aqui entrei.

— En te ouço.

— Primeiramente dá-me um charuto.

Paulo levantou-se d'onde estava assentado, deo um charuto a Alberto, puxou outro para si; e depois de os accenderem continuarão da maneira seguinte:

(*Continúa.*)

As reclamações devem ser dirigidas a esta typographia.

BIO DE JANEIRO.

Typ. de Pinheiro & Comp., rua do Cnao n. 165